

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i3.38474>

---

 **Teófilo Teles Pereira de Arvelos**

Estudante de geografia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. E-mail: [teofiloarvelos@gmail.com](mailto:teofiloarvelos@gmail.com)

---

— Imagine que isto aqui era tudo mata.

Eu estava no topo do Morro do Espia, acidente geográfico que era usado por negros do setecentista Quilombo do Ambrósio, situado a poucos metros dali, para a observação do seu entorno. Hoje, a antiga mata deu lugar a plantações mecanizadas. Carlos, morador local que me guiava em meu trabalho de campo, apontava para várias direções. Ele repetia que tudo aquilo era natureza viva no século XVIII.

— Daqui do alto, os quilombolas fitavam tudo: qualquer pessoa que passasse era percebida. O morro era como se fosse uma torre militar. Se vissem que o inimigo estava se aproximando, faziam um sinal para o quilombo lá embaixo e os negros fugiam. Não tinham muitas armas. Ficavam aqui escondidos. A melhor estratégia era fugir.

O inimigo eram as tropas dos brancos, que saíam dos núcleos “civilizados” para destruir quilombos.

— Além de homens, daqui os quilombolas também avistavam animais. Há muitas versões sobre a história. Na verdade, o que há mesmo é muitas histórias. Uma delas é que eles observavam se alguma boiada estava por perto. Perceba que daqui se vê longe. A vista alcança quilômetros de distância. Pois bem: de cá, sabiam onde a boiada passava. Há quem diga que os quilombolas matavam bois; há quem diga que assaltavam boiadeiros. Não sabemos a verdade. Outra versão é que eles não cometiam crimes contra os brancos, mas que daqui sondavam animais selvagens para caçar. Talvez a verdade esteja no entremeio dessas versões.

Eu mirava o entorno. De fato, aquele morro era muito útil, seja para quaisquer fins que fosse empregado. De lá de cima, eu conseguia ver coisas muito distantes: construções humanas, pastagens, caminhos. Mas tudo o que eu via naquele momento não existia daquele jeito no século

---

<sup>\*</sup> Esta crônica se inspira em trabalho de campo realizado em julho de 2019 durante o programa IFTM Itinerante, do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, nas zonas rurais dos municípios de Ibiá e Campos Altos, onde hoje se localizam o Morro do Espia e os vestígios materiais do que foi o Quilombo do Ambrósio (ambos retratados neste texto). Lá, o projeto foi executado por voluntários do IFTM *Campus* Patos de Minas, contando com o apoio da Prefeitura Municipal de Ibiá.

XVIII: as paisagens eram outras. Antes de haver uma casa, havia árvores. Antes de haver uma lavoura, havia cerrado. De qualquer modo, o que eu observava era muito bonito. O céu azul, límpido, deixava tudo estonteante; e mais belo ainda deveria ser quando aquilo era tudo mata.

Imaginei-me um quilombola setecentista, no alto do Morro do Espia. A realidade se me apresentava como totalidade, com seus bois e boiadeiros, tropas inimigas e animais selvagens. Em meu olhar estava o poder de seleção. A paisagem me oferecia todos os seus elementos visíveis. E eu oferecia a ela toda a minha capacidade de contemplação.

— Quero acrescentar uma nova versão da história, ou mesmo uma nova história.

— Como é? — disse Carlos.

— Quero pontuar outro uso deste morro, certamente desempenhado pelos quilombolas — respondi, enquanto fitava Carlos, que parecia não me entender. — Eles também vinham até aqui em cima para apenas olhar.

*Recebido em 14-06-2022*

*Modificado em 11-02-2023*

*Aceito para publicação em 25-02-2023*